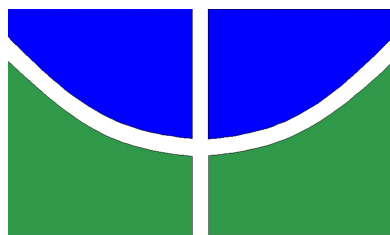


A vida real de *A Vida como ela é*

Dezembro de 2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL

A vida real de A Vida como ela é

Por: Patric Moreira de Abreu

Sob orientação de: Prof^aDr^a Adriana Araújo

Dezembro de 2011

Sumário

Introdução	4
Capítulo I – Nelson Rodrigues – vida e obra	6
Capítulo II – <i>A Vida como ela é</i> e a fortuna crítica de Nelson Rodrigues	16
Capítulo III – Análise dos textos “O Monstro” e “O Inferno”	22
Considerações Finais	29
Referências Bibliográficas	31

Introdução

Nelson Rodrigues revolucionou o que se entende por teatro hoje no Brasil. Ele é considerado um dos maiores teatrólogos e cronistas brasileiros, embora tal reconhecimento só lhe tenha chegado após sua morte. Em vida, infelizmente, o autor foi alvo de perseguição e de cognomes nada simpáticos vindos do público e da crítica especializada em Literatura e teatro.

Exímio jornalista, contribuiu para o desenvolvimento da imprensa em território nacional prestando serviços a vários jornais de grande circulação, como *O Globo* por exemplo.

A forma como Nelson Rodrigues trata de situações simples, passíveis de serem vividas no cotidiano, é o que faz sua obra ganhar destaque. De maneira rude e sem eufemismos, ele consegue abordar temas considerados tabus pelas regras sociais provocando no leitor o desejo de pensar em sua própria existência como um ser social.

Essa perspectiva é uma constante em toda sua obra, mas principalmente em *A Vida como ela é*. Isso porque, as narrativas que compõem essa obra são esquematizadas para uma coluna jornalística o que contribui muito para o aspecto fluido e os inesperados finais dos contos. São histórias que mostram o dia-a-dia do brasileiro nas situações mais despojadas e inusitadas possíveis.

Graças à coluna do Jornal *Última Hora*, Nelson Rodrigues ganha cada vez mais fama e apresenta ao grande público a sua genialidade. *A Vida como ela é* pode ser considerada, de certa maneira, uma síntese de toda a sua produção escrita, pois em pequenos textos, o autor consegue ressaltar traços de sua personalidade como autor, bem como demonstra o seu mote: que é tratar do ser humano.

Nelson constrói um arcabouço de tipos de personagens variados, retirados da complexa estrutura social brasileira. Personagens que se envolvem em tramas assustadoras que são tratadas com o máximo de simplicidade e sarcasmo pelo estilo rodrigueano de produção literária.

O objetivo deste trabalho é ressaltar algumas características importantes para as obras de Nelson Rodrigues, em especial para *A Vida como ela é*, bem como fazer um breve histórico dessa obra dentro do quadro de produção de

Nelson Rodrigues. Além disso, o presente trabalho também conterá um breve resumo da biografia do autor, com a finalidade de entender a importância de Nelson Rodrigues no desenvolvimento jornalístico brasileiro e de como se deu a criação de *A Vida como ela é*.

Por fim, será feita uma análise de dois contos, a saber, “O Inferno” e “O Monstro”, que fazem parte da reunião em livro dos contos publicados em jornal da obra *A Vida como ela é*. Os dois contos aqui descritos apresentam uma forte tensão em sua composição, assim como trata de relações morais manifestadas nas sociedades em geral.

Capítulo I - Nelson Rodrigues - vida e obra.

A vida de Nelson Rodrigues está ligada ao desenvolvimento dos meios de comunicação e da imprensa em geral no Brasil. O autor nasceu em Recife, no ano de 1912, sendo o quinto dos quatorze filhos de seus pais. Em 1916, a família mudou para o Rio de Janeiro, e seu pai, Mário Rodrigues trabalhou no jornal *Correio da Manhã* até que fundou o seu próprio jornal em 1925 chamado de *A Manhã* e depois em 1928, o *Crítica*.

Nelson, então, sempre esteve ligado ao mundo jornalístico e político até pela influência paterna em sua vida. Mário Rodrigues chegou a ser preso por publicar um artigo intitulado “Cinco de Julho” na ocasião da Revolta Militar de 1924 em São Paulo. Em seu próprio jornal, o pai de Nelson Rodrigues se notabilizou por escrever sobre os maus passos dos políticos da época, mostrando até as histórias mais sórdidas de cada um deles, histórias, essas, de cunho pessoal. Por tal costume, Mário Rodrigues era temido no meio político, pois não tinha pudores em retratar os problemas, as falcatruas de seus inimigos políticos.

Nesse contexto, Nelson Rodrigues, aos treze anos, começa a trabalhar com o pai sendo repórter policial para o jornal paterno. Sua obrigação era buscar fatos que mostrassem pactos de morte entre jovens namorados. Desde essa época, portanto, Nelson Rodrigues já trabalhava com temas sobre adultérios, crimes e mortes passionais vindos diretamente de acontecimentos reais do Rio de Janeiro. Todo esse material seria usado como inspiração para a produção dos contos de sua obra futura *A Vida como ela é*. Sua produção ganhou tanto sucesso que em 1926, com quatorze anos, Nelson Rodrigues fundou o seu próprio jornal chamado de *Alma Infantil*. Apesar de só ter cinco números impressos, o jornal teve bastante notoriedade no Rio de Janeiro e também em Recife.

A família Rodrigues viveu épocas de grande abundância financeira, porém por problemas de administração do dinheiro, Mário Rodrigues contraiu muitas dívidas e em 1928 perdeu seu jornal *A Manhã* para seu sócio, Antônio Porto, que lhe ofereceu um emprego de repórter assalariado. Insultado com tal oferta, Mário pediu demissão e no mesmo ano fundou seu novo jornal *Crítica* com a ajuda do vice-presidente da república Melo Viana.

O *Crítica* fez muito sucesso sempre trazendo matérias sobre política, artes plásticas e também assuntos policiais. Era uma novidade para imprensa brasileira por conta de sua diagramação inovadora. Assim sendo, a excentricidade gráfica e os textos bastante agressivos fizeram do *Crítica* o jornal de maior circulação no Brasil da época. O que mais fazia sucesso eram as páginas policiais, como a própria crítica apontava:

Diariamente a “caravana” de “Crítica” descobria um caso aterrador do submundo carioca e o explorava até o último pingo de sangue ou esperma: casais que se esquartejavam por ciúmes, filhos que torturavam pais entrevados, mães que seduziam filhos, irmãs que se matavam pelo mesmo homem, padres estupradores e toda sorte de adultérios.

(CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.)

Em 1929, o *Crítica* publicou uma matéria sobre os casos amorosos extraconjugais de Madame Sylvia Thiau, que era colaboradora de jornais de Chateaubriand. Esse fato ocasionou a morte do irmão de Nelson, Roberto Rodrigues, que levou um tiro de madame Thiau na redação do *Crítica*. Nelson presenciou toda a cena e viu seu pai definhando até a morte depois do assassinato de seu filho. Nelson Rodrigues, que já havia sofrido a morte de uma irmã, começa a ter contato com perdas sucessivas, o que vai influenciar fortemente a sua obra como um todo.

Depois da morte de Mário Rodrigues, o *Crítica* passa a ser dirigido por seus filhos Milton e Mário Filho. O jornal ganha popularidade por fazer campanha política a favor de Júlio Prestes e contra Getúlio Vargas. Com a revolução de 1930, Washington Luís deixa o poder e, no Rio de Janeiro, todos os jornais que eram contra Getúlio Vargas sofrem grandes represálias, como a destruição. Não aconteceu diferente com o *Crítica*.

Sem o jornal, a família Rodrigues passa momentos financeiros difíceis, saindo de riqueza e indo em direção à falência. Mário Filho, enfim, começa a trabalhar como repórter esportivo revolucionando a imprensa com a sua forma de descrever os jogadores e os esportistas da época em suas crônicas. Mário Filho era muito amigo de Roberto Marinho que assumiu o jornal *O Globo* e o

convidou para trabalhar lá. Mário levou consigo Nelson e Joffre Rodrigues os quais possuíam mais de um emprego, em diversos jornais da cidade. Todo o dinheiro que Nelson Rodrigues ganhava, ele entregava para sua mãe a fim de sustentar a família. Por conta disso, vivia esfarrapado e mantinha vários empregos.

Em 1934, Nelson Rodrigues contraiu tuberculose e foi se tratar em Campos do Jordão. De volta ao Rio de Janeiro, encontrou sua família em uma situação melhor. Mário Filho era notabilizado por seu sucesso no campo esportivo fazendo, inclusive, uma campanha para a profissionalização do futebol no Brasil através do jornal *O Globo* incentivando também a organização de torcidas e o campeonato profissional de futebol.

Além disso, Mário Filho promoveu todos os esportes em *O Globo* como jiu-jitsu, natação, boxe e o circuito da Gávea, a fórmula 1 da época. No futuro, com a proximidade da família Rodrigues com os atletas e os sambistas – como Noel Rosa, Lamartine Bastos e Donga – Mário Filho também organizaria o concurso das escolas de samba. Também seria obra de Mário Filho a ideia da copa de futebol Rio - São Paulo que deu origem ao campeonato brasileiro atual e ele foi um dos partidários a favor da construção de um estádio de futebol, o Maracanã, que ganhou seu nome em forma de homenagem.

A família Rodrigues voltava a ser reconhecida no campo jornalístico. Porém, Joffre Rodrigues também contraiu tuberculose e veio a morrer por conta disso. Nelson, que era muito ligado a esse irmão, sentiu-se culpado pela morte dele, pois pensava que era o transmissor da doença para o irmão. No futuro o próprio Nelson se refere ao irmão em uma de suas crônicas:

Esse irmão, que se uniria a mim como um gêmeo, ia morrer, aos 21 anos, tuberculoso. Depois da Revolução de 30, e até 35, eu e toda minha família conhecemos uma miséria que só tem equivalente nos retirantes de Portinari. Ainda agora, quando me lembro desse período, tenho vontade – vontade mesmo – de me sentar no meio-fio e começar a chorar. Eu e meu irmão Joffre passamos fome e foi a fome que estourou os nossos pulmões.

(RODRIGUES, Nelson. *A Menina sem estrela*, 1993)

Como já dito, Nelson será muito influenciado pelas mortes em sua família e também pelo contexto em que sua família vivia, tanto em suas obras literárias como em sua profissão de jornalista. A partir de 1936, Nelson Rodrigues não quis mais escrever sobre esportes e filiou-se ao *Globo Juvenil*, um tablóide de quadrinhos, onde precisava fazer traduções das falas das personagens do inglês para o português, porém como não sabia inglês, inventava, muitas vezes, as falas. Passou também a escrever sobre óperas, pois tornou-se frequentador do Teatro Municipal, o que muito lhe proporcionou sua experiência teatral.

Casou-se com Elza, uma repórter recém contratada do jornal *O Globo*. Com a vinda do primeiro filho do casal, Joffre, Nelson passou a se dedicar também a escrever comédias de costume e de revista para aumentar a renda da família. Dessa forma, começou a escrever comédias para o teatro e em 1941 publicou sua primeira peça *A mulher sem pecado*. Essa peça causou polêmica com os críticos por tratar de assuntos ainda considerados tabus como o adultério. Os críticos, como Manuel Bandeira, diziam que a peça de Nelson Rodrigues era inovadora para época, pois não tratava da mesmice em peças teatrais, pelo contrário gerava polêmica.

Incentivado pelos elogios, Nelson Rodrigues resolveu escrever uma nova peça, *Vestido de Noiva*, que mudaria todo o curso da história do teatro brasileiro. A linguagem e o tema inovador chamaram a atenção do diretor teatral Ziembinski, do cenógrafo Santa Rosa e do grupo de atores amadores, Os Comediantes. Nelson fez uma alta publicidade de sua peça o que atraiu 2.205 expectadores para a estreia no dia 28 de dezembro de 1943 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A peça fez realmente grande sucesso entre o público e a crítica:

A plateia podia esperar por muita coisa, mas não pelo que transcorria diante dos seus olhos: 140 mudanças de cena, 132 efeitos de luz, vinte refletores, 25 pessoas no palco e 32 personagens, contando os quatro pequenos jornaleiros de verdade que gritavam as manchetes de “A Noite”. Mesas e cadeiras subiam e desciam no palco, manobradas por cordões invisíveis. Um personagem se transformava em

outro, e depois em outro, vividos pelo mesmo ator. Os planos se cruzavam, se sobrepunham, se confundiam.

(CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.)

Com o sucesso, Nelson Rodrigues foi convidado para dirigir duas revistas *O Guri* e *Detetive* nos Diários Associados de Assis Chateaubriand. O trabalho de Nelson era dar títulos a histórias de mistério de Agatha Christie ou de quadrinhos americanos, criando capas para elas. No mesmo prédio, ficava a revista *Cruzeiro*, de muito sucesso no Brasil, em que Nelson aproveitava para fazer sua autodivulgação, publicando críticas de *Vestido de Noiva*, mesmo quando a temporada teatral já havia terminado.

Para ajudar a levantar o *O Jornal* dos Diários Associados de Chateaubriand, Nelson aceitou publicar uma série de histórias sob o pseudônimo de Susana Flag. Isso porque segundo o autor, ele já tinha fama e não queria ser reconhecido como escritor de subliteratura. Sendo assim, foi publicado o romance *Meu destino é pecar* que virou novela de rádio. Em 1944, também como Susana Flag, Nelson escreveu *Escravas do amor* que, assim como o romance anterior, fez muito sucesso tornando Susana Flag conhecida no Brasil todo. Em tamanho sucesso, Nelson novamente foi acometido pela tuberculose saindo do Rio de Janeiro para se tratar.

Quando voltou continuou escrevendo artigos e críticas sobre a sua própria obra. Em 1946, escreveu sua terceira peça, *Álbum de família*, que foi proibida pela censura sob a alegação de tratar de assuntos como adultério e incesto, além de estar preconizando o crime. Nelson publicou a biografia de Susana Flag e outro romance dela que também fez muito sucesso, a saber, *Núpcias de Fogo*.

Já no jornal *Diário da Noite* sob outro pseudônimo, Myrna, escreveu *A mulher que amou demais*, que foi transformado pelo editor do jornal em correio sentimental. Foi quando Nelson teve contato com diversas mulheres que possuíam diferentes problemas, o que, provavelmente, serviu de influência para as suas obras futuras.

No ano de 1948, ele publica *Anjo Negro*. Tal peça foi escrita para um ator negro, Abdias do Nascimento, amigo de Nelson Rodrigues, porém o ator

não pôde encenar a peça, pois toda a crítica e a direção teatral não concordaram com tal ação. Os assuntos que se relacionavam aos negros era um tabu no Brasil, ainda mais se um negro encenasse tal história. Era costume que atores brancos se pintassem de preto para interpretar personagens negros e com a peça de Nelson Rodrigues não foi diferente. A quinta peça, *Senhora dos Afogados*, assim como *Anjo Negro* foi proibida pela censura. Porém, Nelson, para as duas peças, pediu a ajuda do ministro Adroaldo Mesquita da Costa para que as peças fossem liberadas.

Anjo Negro foi liberada, mas *Senhora dos Afogados* não. Nelson começou a ser perseguido. Os críticos diziam que Nelson escrevia a mesma história sempre, que ele deveria, segundo Manuel Bandeira “escrever sobre pessoas normais”. *Dorotéia*, a peça seguinte, foi assinada por Walter Paíno para fugir da censura. Somente no dia da estreia é que se revelou a verdadeira autoria da peça, a qual foi escrita para Eleonor Bruno por quem Nelson estava apaixonado. No entanto, a peça foi massacrada pela crítica e só ficou em cartaz durante treze dias.

Cansado, Nelson Rodrigues pede demissão dos Diários Associados e fica um ano desempregado até que em 1951, Samuel Wainer convida-o para trabalhar no jornal *Última Hora*. Nesse jornal, Nelson seria responsável pela coluna de esportes e também por outra coluna que deveria retratar fatos reais típicos do cotidiano. A essa segunda coluna, Nelson dá o nome de *A Vida como ela é* que faz muito sucesso. Aproveitando o sucesso da coluna, Nelson revive Susana Flag e publica *O Homem proibido*.

Nelson Rodrigues, nessa época, era visto como o jornalista mais popular do Rio de Janeiro. Entretanto, foi nessa época também que ele começou a ter a fama de imoral e de tarado reacionário graças a Carlos Lacerda. Este estava em campanha contra Getúlio Vargas e consequentemente contra o *Última Hora*, jornal onde Nelson trabalhava e que apoiava a candidatura de Getúlio, e, portanto, atacava Nelson Rodrigues o acusando de ser contra a família e a igreja.

Já em 1953, Nelson publicou o último folhetim como Susana Flag, *A Mentira*. Com a nomeação de Tancredo Neves para o Ministério da Justiça, Nelson tentou e conseguiu que *Senhora dos Afogados* fosse liberada.

Encenada com a direção de Bibi Ferreira, a peça foi vaiada na estreia antes de seguir seu rumo de apresentações pelo Brasil.

Nelson Rodrigues, injuriado, juntou-se aos amigos Léo Júsi, Glauco Gill, Abdias do Nascimento e Augusto Boal e criou um grupo chamado de *Companhia Suicida do Teatro Brasileiro* com o objetivo de formar uma plateia inteligente. Chegaram a fazer um manifesto contra o teatro brasileiro.

Para fazer propaganda de sua nova peça *Perdoa-me por me traíres*, Nelson entrou em cena com um de seus personagens. Sobre esse episódio, ele mesmo escreve na Revista *Manchete*:

Vou estrear como ator. Por dez dias, e nunca mais, representarei no Municipal a minha tragédia de costumes, “Perdoa-me por me traíres”. Há quem me pergunte se não tenho medo do ridículo. Absolutamente. E digo mais: só os imbecis têm medo do ridículo. Considero um soturno pobre diabo o sujeito que não consegue ser ridículo de vez em quando.

(CASTRO, Ruy, *O Anjo Pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.)

Com a encenação, houve vaias e uma confusão grande, já que um vereador, que não gostou da peça, brigou com a parte do público que havia gostado. O vereador chegou a puxar um revólver e o elenco saiu humilhado do palco. A peça foi novamente proibida pela censura, voltando a ser liberada no mesmo dia por um pedido de Nelson Rodrigues.

A seguir, no ano de 1957, a peça *Viúva, porém honesta* foi encenada sem problemas. Em 1958, Nelson entregou a Dercy Gonçalves a peça *Dorotéia* para ser encenada com outro nome *Vinde ensaboar os vossos pecados*. No mesmo ano, Nelson publicou *Os sete gatinhos* que ficou bastante tempo em cartaz. A maioria dos críticos, como Décio de Almeida Prado, não gostou dessa última peça, porém ela foi um grande sucesso de público. Esse fato era o que realmente importava a Nelson que estava muito satisfeito com a peça.

Em 1959, enquanto convalescia de uma cirurgia de vesícula, Nelson começou a escrever o folhetim *Asfalto Selvagem* de forma concomitante à coluna *A Vida como ela é* e crônicas esportivas no jornal *Última Hora*. No ano

seguinte, *Asfalto Selvagem* virou livro publicado em dois volumes com o título de *Engraçadinha - seus amores e seus pecados dos doze aos dezoito e Engraçadinha - depois dos trinta*. Muito conceituado, teve as orelhas dos livros escritas por Manuel Bandeira, Menotti Del Picchia, José Lins do Rego, Gilberto Freyre e Sábato Magaldi. Contudo, as capas foram consideradas vulgares por trazerem uma mulher nua, somente com o seu sexo tampado. Nelson foi classificado, dessa forma, como autor de subliteratura pela opinião geral dos intelectuais da época.

Os textos de *A Vida como ela é* foram organizados por José Olson em forma de livro, em 1961, devido ao grande sucesso que a coluna fazia com o público. Nesse mesmo ano, a peça *Boca de Ouro* foi encenada com grande êxito no Rio de Janeiro, enquanto um ano antes a mesma peça tinha sido um fracasso em São Paulo.

A peça *Beijo no Asfalto* foi encenada pela companhia Fernanda Montenegro ainda no ano de 1961. Todavia, por conta dessa peça, Nelson pediu demissão do jornal *Última Hora*, pois era costume do autor retratar o imaginário jornalístico em suas obras e nesta última peça, ele tinha feito isso com exagero. A partir daí várias obras de Nelson Rodrigues foram adaptadas para o cinema, por exemplo, *Bonitinha, mas ordinária*; *Asfalto Selvagem*; *A Falecida*.

Nelson Rodrigues foi ainda autor da primeira novela brasileira *A morta sem espelho* que não foi liberada pela censura para o horário das oito da noite, podendo a TV Rio apresentá-la no horário das dez. Contava com um elenco do *Teatro dos sete* à disposição: Fernanda Montenegro, Ítalo Rossi, Paulo Gracindo e Sérgio Britto. Assim ele escreve a segunda novela *Sonhos de Amor*, que o diretor Walter Clark, para fugir da censura, precisou apresentar como uma adaptação da obra *O Tronco do Ipê* de José de Alencar. A terceira e última novela seria *O desconhecido*. Para ela, o diretor Clark precisou convencer o chefe da censura, Antonio Bandeira, a liberar.

Toda nudez será castigada estreou em 1965 com grande sucesso e Nelson Rodrigues foi convidado por Clark, já na TV Globo, a apresentar um quadro chamado *A Cabra Vadia* no programa *Noite de Gala* às segundas-feiras. O cenário do programa era um terreno baldio e uma cabra de verdade pastava ao fundo enquanto Nelson entrevistava personalidades.

Em 1966, Carlos Lacerda, que antes era contrário a Nelson, encomendou um romance a ele e este escreveu *O Casamento*. Nesse ano, Mário filho faleceu e o romance *O Casamento* foi proibido pelo ministro da justiça. Esses dois fatos abalaram muito Nelson Rodrigues que se viu mais uma vez sem apoio até do próprio jornal em que trabalhava, levando-o a pedir demissão.

Foi trabalhar no *Correio da Manhã* onde começou a publicar sua biografia em forma de coluna a partir de 1967. De forma concomitante, continuava com seu programa de televisão que o tornava cada vez mais popular. As *Memórias* foram um grande sucesso e o jornal *Correio da Manhã* cresceu cada vez mais.

Nos anos seguintes, Nelson Rodrigues lutou pelos direitos de liberdade de vários amigos intelectuais que foram presos pelo governo, como Hélio Pellegrino. Além disso, mesmo com todas as suas obras liberadas pela censura, continuou buscando meios de acabar com a censura teatral no Brasil, chegando a ser recebido, por conta do sucesso que fazia, pelo ministro da justiça. Depois encabeçou uma campanha pela soltura de seu filho, Nelsinho Rodrigues, que foi preso acusado de ser autor de assaltos e também por fazer parte de um grupo de esquerda, o MR-8, sob o nome de Prancha.

No governo Geisel, em 1978, começa as manifestações por todo o Brasil pela anistia e Nelson Rodrigues apóia a ideia de anistia usando de seu prestígio em todos os meios de comunicação de que fazia parte, fazendo apelos diretos ao próprio presidente Figueiredo, que foi o sucessor de Geisel e estava prometendo reconciliação entre o governo e os presos. Até nesse momento, Nelson dá mostras de sua acidez na escrita, quando publica no jornal *Última Hora*, um apelo ao presidente:

Ora, um presidente não pode passar como um amanuense. Há uma anistia. Tem que ser uma anistia histórica. O que não é possível é que seja uma anistia pela metade. Uma anistia que seja quase anistia. O senhor entende, presidente, que a terça parte de uma misericórdia, a décima parte de um perdão não tem sentido. Imagine o preso chegando à boca de cena para anunciar: - "Senhores e senhoras. Comunico que fui quase anistiado".

Enfim, em 1979, o Congresso Nacional votou a lei que excluía da anistia os presos da luta armada. Assim Nelsinho foi condenado a 72 anos de prisão. O advogado recorreu algumas vezes e conseguiu diminuir a pena de prisão para 12 anos. Desses, Nelsinho já tinha cumprido sete e então poderia gozar de liberdade condicional.

Assim, Nelsinho foi solto e Nelson pai possuía grande prestígio. Não só pelas campanhas políticas e pelas crônicas em jornais, mas também pelo reconhecimento de seus textos com várias adaptações para o cinema feitas pelos diretores Arnaldo Jabor, Walter Avancini, Neville d'Almeida e Braz Chediak. No teatro, Nelson ainda lançaria *Anti-Nelson Rodrigues* em 1973 e em 1978, escreveria sua última peça *A Serpente*.

Aos 68 anos de idade, Nelson estava muito debilitado e veio a falecer, em 1980, de insuficiência cardíaca e respiratória.

Pelo exposto, observa-se que Nelson Rodrigues, antes de tudo, foi um homem da comunicação oriundo de uma família que muito incentivou e modernizou a imprensa brasileira, um autor à frente de seu tempo. Foi um pensador que caminhou por vários planos de reflexão tentando sempre mostrar sobre o que refletia em relação à política, ao esporte e às artes do Brasil. Foi também um artista inovador que revolucionou o teatro brasileiro e a forma de escrever narrativas no Brasil, que a partir de Nelson Rodrigues ganhou uma confecção mais sincera e realista ao exprimir os acontecimentos da sociedade, bem como o sentimentalismo inerente à condição humana. Foi ainda um angustiado pela situação de sua família, acometido, diversas vezes, pela tragédia com seus parentes e tendo que conviver com a incompreensão do público e da crítica que não entendia a sua genialidade.

Toda essa angústia e sinceridade, formadoras das principais obras de Nelson, estão muito presentes em *A Vida como ela é*. Isso porque esta obra pretende chamar a atenção e retratar as situações mais comuns da sociedade, portanto, Nelson busca a verossimilhança dos vários contos, até então publicados em jornal.

Capítulo II – *A Vida como ela é* e a fortuna crítica de Nelson Rodrigues

A obra *A Vida como ela é* de Nelson Rodrigues é composta por várias narrativas curtas que contam diversas histórias sobre personagens comuns em situações de tensão. Esses tipos humanos demonstram diferentes reações frente a momentos problemáticos ou que geram algum sofrimento. Dessa forma, Nelson Rodrigues busca retratar o dia-a-dia trazendo para as narrativas a verossimilhança e a criatividade para reflexivos finais surpreendentes.

As narrações de *A Vida como ela é* são baseadas em fatos reais mostrando o cotidiano da Zona Norte carioca. Eram textos publicados em forma de coluna jornalística do jornal *Última Hora*, entre 1951 e 1961.

Pelo veículo em que os textos foram publicados, é notório que a linguagem é bastante coloquial para que pudesse atingir ao público leitor do jornal. Além disso, são histórias curtas que sempre apresentam um final, ou seja, sendo categorizadas como crônicas.

Isso porque essa modalidade narrativa é caracterizada por tratar de fatos que acontecem na vida real demonstrados com linguagem simples e coloquial. Muitas vezes, é publicada em jornal para que o público tenha contato com a história de sua sociedade desenvolvida de forma inovadora e criativa. É justamente nessa perspectiva que as histórias de *A Vida como ela é* se encaixam.

Para Moisés (1999, p.133), a crônica moderna pode ser definida como:

a crônica de feição moderna, via de regra publicada em jornal ou revista e muitas vezes reunida em volume, concentra-se num acontecimento diário que tenha chamado a atenção do escritor, e semelha, à primeira vista, não apresentar caráter próprio ou limites muito precisos. Na verdade, classifica-se como expressão literária híbrida, ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria, necrológico, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais e/ou imaginárias etc. (...) implicando sempre a visão pessoal, subjetiva, ante um fato qualquer do cotidiano, a crônica

estimula a veia poética do prosador; ou dá margem a que este revele seus dotes de contador de histórias.

(MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.).

A partir da definição dada por Massaud Moisés (1999), é possível categorizar as diversas narrações da obra de Nelson Rodrigues. Observa-se nas histórias de *A Vida como ela é* características citadas por Moisés (1999), como por exemplo, a análise do cotidiano carioca a partir da subjetividade do autor. É uma forma de traduzir a realidade de maneira diferenciada, como um “contador de histórias”, que mostra sua habilidade com a linguagem e estimula a credibilidade gerada no leitor.

Há também imprecisão de informações como o espaço onde se situam as personagens ou ainda o tempo em que acontecem as ações nas diferentes histórias. Sobre tais características, o próprio Nelson Rodrigues se manifesta em uma entrevista dada ao jornal onde publicava sua coluna, explicando seus escritos:

Outra característica da seção: suprimir nomes e residências dos personagens. Meus personagens têm sempre um domicílio vago ou não têm nenhum. Posso admitir a indicação sumária de bairro, de rua, nunca. O que me importa são os atos e, mais que os atos, os sentimentos. Com a eliminação do endereço e nomes reais, a seção atinge, em cheio, um resultado, qual seja o de atenuar a vergonha dos personagens. Ninguém os identificará debaixo do disfarce criado. Só não altero, nem falsifico as suas paixões, os seus crimes.

(RODRIGUES, Nelson. *Flor de Obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. Organização: Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.)

Isso quer dizer que a partir da definição aqui apresentada e da própria fala de Nelson Rodrigues, as histórias descritas em *A Vida como ela é* se classificariam como crônicas.

Porém, em 1961, José Olson reuniu 100 crônicas de *A Vida como ela é* em livro intitulando-o de *Cem contos escolhidos*. A partir desse momento e considerando os estudos desenvolvidos sobre o conto moderno, as histórias que fazem parte da obra em análise, criadas por Nelson Rodrigues, passaram a ser chamadas de contos.

Massaud Moisés (1999) também teoriza sobre o conto mostrando a evolução dessa forma narrativa dentro das várias épocas em que foi se desenvolvendo. O conto, surgido na Grécia Antiga, passou por diversas modificações até que chegou à Era Medieval sendo entendido como precursor da novela e do romance. Já no século XIX ele ganha estruturas de narrativa breve e concisa, como Moisés (1999, p.101) afirma:

O conto é, do prisma dramático, univalente: contém um só drama, um só conflito, uma só unidade dramática, uma só história, uma só ação, enfim, uma célula dramática. Todas as demais características decorrem dessa unidade originária: rejeitando as digressões e as extrapolações, o conto flui para um único objetivo, um único efeito. O passado anterior ao episódio que nele se desenrola, bem como os sucessos posteriores, não interessam, porque são irrelevantes.

(MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.).

Portanto, a partir dessa análise baseada em Massaud Moisés, é possível chamar as histórias de *A Vida como ela é* tanto de crônicas quanto de contos, pois as narrativas de Nelson Rodrigues possuem características comuns a essas duas formas de escrita. Desse modo, neste trabalho será adotado o termo conto para fazer referência ao estudo dos textos de *A vida como ela é*, por questões, inclusive, dos nomes dados aos livros que trazem os textos que antes eram publicados em jornais.

Nos anos 50, o editor do jornal *Última Hora* pediu a Nelson Rodrigues que escrevesse uma coluna diária que tratasse de assuntos policiais e políticos do cotidiano do carioca, cujo título era *Atire a primeira pedra*. O próprio Nelson Rodrigues, conjugando o pedido do editor com os fatos por ele vivenciados na

Zona Norte do Rio de Janeiro, mudou o nome da coluna para *A Vida como ela é*. O jornal, então, fez muito sucesso e o editor Samuel Wainer expandiu cada vez mais a produção de seus exemplares jornalísticos pretendendo atingir o público nacional e não somente os cariocas. Para tanto, a coluna de Nelson Rodrigues foi muito importante para colaborar com o jornal no que diz respeito ao crescente interesse dos leitores brasileiros.

O sucesso das histórias de Nelson Rodrigues foi tão grande, que a obra *A Vida como ela é* expandiu-se para outras áreas artísticas como o rádio, o teatro e a TV. Em 1960, a obra foi gravada em disco e apresentada diariamente em um programa de rádio, na *Rádio Clube*, com narração de Procópio Ferreira e com a participação do elenco de novela de rádio. Em 1992, Ruy Castro organizou uma nova edição de *A Vida como ela é* com quarenta e cinco contos incluindo “O Homem fiel” e “A Dama do loteação”, este inédito.

Já em 1996, A Rede Globo adaptou para televisão alguns contos de *A Vida como ela é* transformando a obra em minissérie televisa. Na televisão, Nelson Rodrigues galgou o apogeu de seu sucesso, pois muitos espectadores que não conheciam a obra do autor tiveram contato com ela. Além disso, atores globais, já consagrados pelo público, deram vida a personagens rodriguianos tornando-os, assim, mais populares e fazendo de Nelson Rodrigues um autor reconhecido e também consagrado.

A partir disso, a crítica começa a ter outro olhar destinado a Nelson Rodrigues. Ele começa a ser entendido melhor e a ser considerado um autor de prestígio dentro do cenário literário do Brasil. Trazendo casos populares que tratam de casamento, traição, amor e desejo, os contos televisionados ganham destaque perante o público e a crítica que passa a considerá-lo como um dramaturgo competente e original. Isso quer dizer que a visão dos especialistas sofreu forte mudança, pois a obra que antes só era vista pela ótica da repulsa e da pornografia, agora é entendida como uma trama coerente, passível de reflexões sobre os dramas vivenciados pelos seres humanos. O crítico Sábato Magaldi (2004) fala sobre Nelson Rodrigues:

Indo do consciente ao subconsciente e às fantasias do inconsciente, do trágico ao dramático, ao cômico, ao grotesco (muitas vezes fundidos numa peça, ou mesmo

numa cena), da réplica lapidar ao mau gosto proposital, do requintado ao *kitsch*, do poético ao duro prosaísmo, Nelson conferiu aos seus textos uma dimensão enciclopédica.

(MAGALDI, Sábato. *Teatro da obsessão: Nelson Rodrigues*. São Paulo: Global, 2004.)

Em poucas palavras Magaldi (2004) consegue sintetizar o estilo de Nelson Rodrigues na maioria dos textos de *A Vida como ela é* bem como também de suas peças teatrais. Segundo o crítico, a obra aqui analisada é uma precursora das “tragédias cariocas” tão trabalhadas por Nelson Rodrigues em outras obras teatrais, como *Vestido de Noiva*, por exemplo. Nas palavras de Sábato Magaldi (1993):

Ao situar as personagens, nas tragédias cariocas, sobretudo no cenário da Zona Norte do Rio de Janeiro, Nelson deu-lhes uma dimensão concreta no real, mas não abdicou da carga subjetiva anterior. O psicológico e o mítico impregnaram-se da dura seiva social.

(MAGALDI, Sábato, *Nelson Rodrigues: teatro completo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1993).

Observa-se com o comentário de Magaldi (1993) que a obra de Nelson Rodrigues, inclusive *A Vida como ela é*, é atribuída a ideia de realidade aos fatos descritos por ele, numa interpretação pessoal de Nelson Rodrigues. Portanto, é uma maneira de demonstrar a visão de um pensador sobre as questões sociais difundidas na época.

Continuando a sua trajetória de sucesso, a obra *A Vida como ela é*, em 2000, foi reunida no espetáculo *Momentos – Beijos de Nelson Rodrigues*, dirigido por Nelson Rodrigues Filho. E em 2001, outra peça teatral, também dirigida por Nelson Rodrigues Filho, a saber, *Momentos – Obsessões de Nelson Rodrigues*, foi novamente baseada em contos da obra *A Vida como ela é*.

Dessa forma, é possível ter a certeza de que os temas trabalhados por Nelson Rodrigues são temas universais e extremamente atuais. Nesse sentido, os acontecimentos de *A Vida como ela é* podem ser vividos em qualquer parte

do país, por qualquer ser humano nos diferentes ambientes que estiverem inseridos. Assim, a visão de mundo representada por Nelson Rodrigues conseguiu alcançar a indústria cultural brasileira, visto que ele reproduz, com todas as imperfeições, a sociedade e modo de vida do cidadão comum do Brasil.

Por todos esses aspectos, percebe-se que *A Vida como ela é* é uma inovação que mostra a genialidade e a criatividade de um autor que não foi devidamente valorizado em sua época, porém, hoje, é reconhecido por seu extraordinário manejo com a escrita e com as situações do cotidiano. Segundo Hélio Pellegrino (1993):

Nelson é um prosador admirável. É um escritor de gênio. Acho que ele se realizou mais, como ficcionista, nas histórias curtas. *A Vida como ela é* me parece ser, do ponto de vista ficcional, a coisa mais importante que Nelson deixou. Aquilo é um repositório de situações humanas, de tipos. É um elenco de paixões e conflitos inesgotáveis.

(PELLEGRINO, Hélio. *Nelson Rodrigues: teatro completo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1993).

Os críticos, como Sábato Magaldi, Ruy Castro, Décio de Almeida Prado, entre outros chegam a um consenso sobre a importância de Nelson Rodrigues para o desenvolvimento da narrativa brasileira mostrando que esse autor inova com a sua linguagem e com os assuntos escolhidos para representar em suas diversas obras. Particularmente, sobre *A Vida como ela é*, os críticos chamam a atenção para a articulação de temas comuns em situações de tensão nos diversos campos da sociedade. Dessa forma, *A Vida como ela é* é vista como precursora das características rodrigueanas em todas as suas obras posteriores.

Capítulo III – Análise dos textos “O Monstro” e “O Inferno”

Partindo da descrição da vida cotidiana, Nelson Rodrigues traz em “O Inferno” e “O Monstro”, dois contos que compõem a obra *A vida como ela é*, uma abordagem surpreendente com um final impactante.

Em “O Inferno”, a partir de uma linguagem extremamente simples, Nelson Rodrigues faz uma profunda análise sobre os fatos e as ações dos personagens que poderiam fazer parte da vida real. Este conto conta a história de Romualdo, casado e que mantém uma relação extraconjugal com Lucília, que é viúva e tem um filho de doze anos, Odésio.

Já a partir daí, pode-se elencar características marcantes para o texto como a escolha de tipos de personagens comuns. Tais personagens são escolhidos por Nelson Rodrigues com a intenção de retratar as pessoas reais do cotidiano carioca. É interessante observar que, no texto, o autor faz muitas referências a costumes das personagens que são comuns para a população do Rio de Janeiro, como a conversa em um bar depois do trabalho, ou simplesmente esperar por um ônibus perto de um poste. Assim, tem-se arcabouço, ainda inicial, para afirmar que os textos que formam a obra *A Vida como ela é* possuem uma forma de escrita realista mesmo retratando histórias ficcionais. Isso porque, segundo a Enciclopédia Enaldi, todo o texto narrativo pode ser considerado como ficção, visto que o autor cria a linguagem e escolhe os argumentos que vai apresentar ao leitor. Além disso, o autor tem a possibilidade de causar efeitos catárticos e elementos de surpresa no leitor, e isso é uma característica muito forte na obra de Nelson Rodrigues. Ele, na maioria dos contos de *A Vida como ela é*, busca demonstrar uma singularidade própria de seu estilo inovador que causa fortes impactos no que diz respeito à apresentação dos fatos de cada história.

Porém, não é só pela descrição dos costumes do dia a dia que se pode ver o realismo de Nelson Rodrigues. O autor consegue demonstrar em sua obra a certeza de que os assuntos abordados em cada história podem ser vividos na vida real. Georg Lukács (1938) diz que “as vivências e as sensações são parte de um complexo conjunto da realidade”. Esta observação é vista em Nelson Rodrigues, pois o que é descrito por ele na maior parte de seus textos se liga à realidade objetiva do cenário carioca, no que se refere à adequação

de cada personagem ao cenário onde vive e à situação por qual passam. Assim sendo, Nelson Rodrigues pode ser considerado um autor realista, levando em consideração os contos da obra aqui analisada, uma vez que, como diz Lukács (1938), o realismo pode ser entendido como a representação da realidade tal como ela é. Um autor verdadeiramente realista deve possuir a “onilateralidade” necessária para a confecção de sua história. Essa “onilateralidade” pode ser encontrada em *A Vida como ela é*, numa possível análise de que mesmo que os acontecimentos estejam presos nas artimanhas do enredo de cada conto, também demonstram o pensamento da sociedade da época sobre os assuntos ali trabalhados. Ou seja, as ideologias das classes sociais, bem como as diferenças de pensamento entre homens e mulheres, estão presentes em cada conto.

Em “O Monstro”, por exemplo, observa-se o conceito de moral socialmente aceito no momento em que se descobre a traição, pois o traidor (um dos genros) é sumariamente condenado por toda a família, chegando a ser expulso. Entretanto, ainda assim, esse mesmo conceito é colocado em prova, quando o patriarca da família volta atrás em sua decisão de expulsar o genro de casa, por ter sido ameaçado de ser desmascarado pela filha quanto aos seus relacionamentos extraconjugais. Isso mostra que Nelson Rodrigues mostra um fato sob diversos ângulos de entendimento, relacionando-os as várias acepções conhecidas na vida real.

Os textos de *A Vida como ela é* trazem temas universais, que podem ser vivenciados por qualquer sociedade de qualquer lugar do mundo. É uma maneira de retratar a vida real vista com uma lente de aumento. Os sentimentos dos personagens se misturam com as experiências sociais deles.

Logo, a forma de escrita de Nelson Rodrigues se aproxima ainda mais do leitor por permitir a este uma maior identificação com as histórias do conto, não importando se esse leitor é carioca ou não, se tem o mesmo contexto social ou não. Isso quer dizer que os temas abordados nos vários contos refletem fatos que são comuns aos seres humanos em geral. É a partir das vivências dos homens comuns é que Nelson Rodrigues cria suas personagens em meio aos seus diversos conflitos. Torna-se notável, então, que as situações demonstradas nos contos são representações encontradas na realidade objetiva de qualquer sociedade.

Como diz Lukács¹ (1938) “ele mostra, como realista, qual o lugar desta componente no complexo conjunto da vida, e que parte da vida social provém, qual o seu destino”. É justamente decidir os destinos humanos, através das perversões existentes na vida cotidiana, o desejo de Nelson Rodrigues.

Em “O Inferno”, por exemplo, Romualdo, um homem casado que trabalha em um escritório e mulhereiro, vivencia uma atmosfera de mentiras por enganar sua esposa mantendo um relacionamento fora do casamento, enquanto também se descobre iludido por Lucília, que escondia que já tinha um filho de doze anos. É justamente nessa artimanha criada pelo autor que fica clara a extrema realidade com que ele trabalha. Isso porque, no momento em que Romualdo descobre a existência de Odésio, ele explode em ira e fica extremamente confuso, precisando, inclusive, aconselhar-se com amigos. Os personagens são embebidos, portanto, em uma complexa rede de sentimentos diversos, como o amor, o desejo sexual, a ira, a solidão e o arrependimento, a partir da vida de cada um deles.

É uma via de mão dupla até o fim do conto, visto que os sentimentos e experiências das personagens vão se mesclando conforme os acontecimentos da história vão se desenrolando. O que um sente o outro também sentirá em algum momento da história. Tanto Lucília quanto Romualdo apresentam um forte desejo um pelo outro, mas no momento em que discutem sobre Odésio passam a sentir raiva um do outro pelas ofensas trocadas. Mesmo assim, ainda sentem falta de manterem a convivência tão habitual para ambos. Em outro ponto do conto, a depressão que Lucília sente quando Romualdo a abandona, também será sentida por ele no momento em que é “obrigado” a viver com a amante, tendo no futuro que conviver ainda com a indiferença de Lucília, a mesma indiferença que ele teve por ela anteriormente na ocasião da descoberta da existência de Odésio.

¹ LUKÁCS, Georg. “Trata-se do realismo!”. In: MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. *Debates sobre o expressionismo. Ernest Bloch, Hanns Eisler, Georg Lukács e Bertold Brecht*. São Paulo: UNESP, 1998.

Desse modo, os sentimentos das personagens dão maior credibilidade à história intensificando a verossimilhança do conto a partir da aproximação da realidade com a criação da história ficcional. A verossimilhança se mostra presente nos diálogos e nos diversos acontecimentos como o descrito a seguir:

“No dia seguinte, Lucília apareceu triste. Suspirava:
- Que vida!
Romualdo acabou se enfezando:
- Que vida, por quê?
Ela, então, pôs as cartas na mesa:
- Reconheço que a culpada sou eu, porque você, sendo casado, eu não devia... Não. Romualdo, não está direito.
Fez uma pausa, antes de completar:
- Se, ao menos, você vivesse só pra mim!
Foi brutal:
- Ora, Lucília, ora! No mínimo, você está querendo que eu deixe minha mulher! Sou capaz de apostar!
Despediram-se sem carinho. E ele, ressentido, mal se deixou beijar. Disse apenas:
- Vai com Deus, vai!”
(RODRIGUES, Nelson. *A Vida como ela é*. “O Inferno”. Editora Agir: Rio de Janeiro, 2006)

O diálogo reproduzido mostra o momento do rompimento de Romualdo e Lucília. Vê-se, então, na linguagem simples e no modo de agir das personagens a correspondência com a realidade cotidiana em que o comportamento assumido por Romualdo e por Lucília poderia ser, tranquilamente, a mesma maneira de pessoas comuns lidar com os problemas na vida real.

No conto “O Monstro”, os sentimentos também vão passar a credibilidade da verossimilhança para a história como um todo. Isso porque o texto mostra situações que extrapolam a particularidade, porém não se configuram como abstração, pois são acontecimentos que podem ser vivenciados por qualquer família.

Em termos gerais, o conto traz a história de uma família supostamente comandada pelo patriarca que tem três filhas, duas casadas e a caçula solteira. Em dia comum, descobriu-se que um dos genros, Bezerra, deu um beijo na cunhada solteira. Tal ação desencadeou uma reação em cadeia em toda a

família que ficou contra o Bezerra, condenando-o de tarado buscando, inclusive, a expulsão dele da família.

Dentro da história, percebem-se maneiras de ação e a linguagem utilizada que irão correlacionar a ficção e a realidade. São formas coloquiais de tratar o assunto e colocá-los em evidência perante a importância que os fatos devam receber. É como se fosse uma tradução da vida real para dentro do conto de Nelson Rodrigues, como se pode observar no trecho a seguir:

“Estrebuchou: “Eu não dei fora nenhum!”. Agarrou-se ao cunhado: “Por essa luz que me alumia, te juro que não fiz nada. Ela é que deu em cima de mim, só faltou me assaltar no corredor. Tive tanto azar que ia passando a criada. Viu tudo! Uma tragédia de 35 atos!”

Ralado de curiosidade, Maneco baixou a voz:

- E o que é que houve, hein?

O outro foi modesto:

- Não houve nada. Um chupão naquela boca. Eu beijava aquele corpo todinho. Começava no pé. Mas não tive nem tempo. Estão fazendo um bicho-de-sete-cabeças, não sei por quê!”

(RODRIGUES, Nelson. *A Vida como ela é*. “O Monstro”.

Editora Agir: Rio de Janeiro, 2006).

Na parte descrita fica claro a coloquialidade da linguagem, muito utilizada pelo autor em todos os seus textos, para confirmar sua intenção de retratar a realidade sem floreios, o que caracteriza a forma espontânea e original com que o autor retrata os temas polêmicos escolhidos por ele.

Além disso, as metáforas utilizadas nos contos são importantes também para a confecção da obra como um todo, já que, geralmente, essas metáforas escolhidas por Nelson Rodrigues são usadas para dar ênfase às mudanças interiores das personagens. Isso se deve a crescente subjetividade das próprias personagens perante os acontecimentos da história de que fazem parte. Acontece, por exemplo, nos dois contos analisados neste capítulo.

Em “O Inferno”, vê-se a importância dada ao último desejo de alguém. Quando Odésio encontra Romualdo esperando o ônibus e pede para que o amante volte a se relacionar com Lucília, faz isso nomeando seu desejo como

último. Depois disso, Odésio se atira embaixo de um ônibus. Nesse momento, tem-se, então, a formulação da metáfora que mudará os destinos das personagens da história, tendo eles próprios consciência dessas mudanças, já que tanto Lucília quanto Romualdo se veem obrigados a obedecer ao pedido de Odésio.

Já em “O Monstro”, pode-se observar a metáfora no próprio título do conto. O monstro pode ser o genro, Bezerra, que agarrou sua cunhada. Ou pode ser entendido como uma forma de caracterizar o patriarca da família que a controla com pulso forte. As atitudes dos dois personagens “monstro” provocam mudanças significativas na história por completo, pensando, por exemplo, nos dois momentos decisivos para o conto. O primeiro quando Bezerra beija sua cunhada e depois quando o sogro vai expulsar seu genro da família e é impedido pela própria filha caçula.

Outro ponto importante para a análise dos dois contos aqui descritos é a percepção dos finais instigantes e surpreendentes das histórias. As finalizações dos contos mostram a brutalidade (“O Inferno”) e o desmascaramento (“O Monstro”) das personagens. São situações que causam espanto, repulsa, mas também admiração e atração pelo texto.

São textos que mostram o homem como autores de seu próprio cotidiano, muitas vezes não agradável. São seres inseridos nos problemas da cidade e que também causam problemas à cidade. São tipos que mostram, sem disfarces ou máscaras, as verdadeiras identidades dos seres humanos, as verdadeiras intenções de cada pessoa quando se veem em situações de conflito ou que testem seu caráter. Como o próprio Nelson Rodrigues disse sobre a confecção de seus personagens, em entrevista ao jornal em que escrevia:

“As senhoras me dizem: - “Eu queria que seus personagens fossem como todo mundo”. E não ocorre a ninguém que meus personagens são como todo mundo, daí a repulsa que provocam. Ninguém gosta de ver no palco suas íntimas chagas, suas inconfessas abjeções.”

(RODRIGUES, Nelson. *Flor de Obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. Organização: Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.)

Observa-se, assim, que Nelson Rodrigues procura demonstrar um mundo individualizado, cada vez mais desumanizado, pois suas histórias retratam temas comuns que podem acontecer com qualquer pessoa comum. Nessas situações é que os homens, geralmente, expõem seus verdadeiros instintos, suas emoções são expostas das formas mais diferentes possíveis. É uma demonstração de situações problemas em que, nós, seres humanos, somos representados como agentes e vítimas de nossas próprias ações.

Cabe ao leitor, portanto, a reflexão sobre o mundo exposto por Nelson Rodrigues, mundo esse sem qualquer disfarce, sem poupar os leitores das arbitrariedades vividas nele. É um convite a pensar que no mundo em que vivemos estamos acostumados com a falsidade e a hipocrisia nas relações sociais. Dessa forma, os textos de Nelson Rodrigues são meios para que possamos abrir nossos olhos para a realidade que nos cerca.

Considerações Finais

A obra *A Vida como ela é* configura-se como um convite à reflexão sobre a existência do ser humano e a sua vivência em sociedade. É forma de “pôr o dedo na ferida” de cada indivíduo, fazendo-o pensar em suas próprias atitudes perante aos seus semelhantes. As narrativas, especialmente, aquelas aqui trabalhadas – “O Inferno” e “O Monstro” – são uma maneira de retratar as relações sociais configuradas dentro de um discurso de hipocrisia e de falso moralismo a que estamos, todos, inseridos.

É como se Nelson Rodrigues quisesse chamar a atenção para os vários preconceitos enraizados em cada ser humano. No mesmo momento que existe a denúncia desses preconceitos, Nelson desconstrói a artimanha fazendo o agente preconceituoso se tornar vítima de seu próprio contexto problemático. Isso mostra que os tipos de personagens existentes nos contos estão mergulhados em uma rede de sentimentos, que ora os fazem bons, ora os fazem perversos, a depender da situação vivida e dos interesses de cada personagem nas histórias.

O discurso, nada sutil, contraria o aspecto moralizante da sociedade, subvertendo a ideologia de “certo e errado” com a qual estamos acostumados. A forma rodrigueana de escrever tem um jeito de expor o famoso “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço” de maneira agressiva, que, muitas vezes, choca o leitor e até mesmo os críticos de arte. Isso porque Nelson não está preocupado em idealizar sua obra, pelo contrário, ele quer retratar as ações com a mesma eficácia em que elas se dão na vida cotidiana, como sugere o nome da obra aqui analisada.

Os contos são uma demonstração dos defeitos do homem em geral, por isso gerou e gera tantas críticas negativas em relação à obra e ao próprio Nelson Rodrigues que possui essa característica na maioria de suas obras. Não estamos preparados e nem habituados a ter contato com as nossas fraquezas e com os nossos problemas em perspectiva macro. A traição, vista nos dois contos analisados, por exemplo, é mostrada como uma situação cabível a qualquer um de nós, mas não de maneira superficial e sim a partir de uma possibilidade real elevada ao extremo, já que estamos lidando com sensações e emoções humanas. Em “O Inferno”, a ideia de trazer o último

desejo de uma criança como uma prisão, interpretada também como um castigo para o casal adúltero, demonstra a crueldade e também a profunda reflexão ideológica proposta por Nelson Rodrigues na medida em que ele promove uma abertura para pensarmos sobre a nossa percepção de mundo. É uma sugestão, e fica a cargo do leitor, julgar como bem decretado o “castigo” do casal ou simplesmente ter piedade deles pelo sofrimento que para sempre carregarão. Isso, novamente, reforça a conduta hipócrita da sociedade. Tal fato também é visto em “O Monstro”, visto que para não ver a base da família demolida, o conto acaba como se nada tivesse acontecido, ou seja, com o patriarca mantendo seu discurso moralizador falso, para ter uma boa convivência social, porém praticando os mesmos atos, os quais são condenados pela moral a que ele se refere como verdadeira.

É importante salientar, por fim, que Nelson Rodrigues foi um homem muito engajado com a situação política, econômica e social de seu país, sendo primordial para o crescimento de nossa indústria informacional. Além disso, foi um artista primoroso, que merece e deve ser valorizado, pois revolucionou a concepção de teatro no Brasil, bem como também inovou na forma como tratava suas narrativas com temas polêmicos.

Por conta desses temas é que Nelson foi considerado por muitos críticos de arte como um autor menor, que gostava de tratar de pornografia. No entanto, ironicamente, esse mesmo autor foi ovacionado pelo público, principalmente quando teve suas obras televisionadas, como é o caso de *A Vida como ela é*. Essa obra, portanto, é uma realização da genialidade rodrigueana por fazer o que Nelson fazia de melhor, a descrição profunda da alma humana.

Referências Bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CASTRO, Ruy. *Flor de Obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. Organização: Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CONY, Carlos Heitor. "Nelson Rodrigues". "Nelson Rodrigues – flor de obsessão". In: RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo – Nelson Rodrigues*. Organização: Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1993.
- GOMES, Valderéz Cardoso. "Nelson Rodrigues – flor de obsessão". In: RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo – Nelson Rodrigues*. Organização: Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1993.
- LUKÁCS, Georg. "Trata-se do realismo!". In: MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. *Debates sobre o expressionismo. Ernest Bloch, Hanns Eisler, Georg Lukács e Bertold Brecht*. São Paulo: UNESP, 1998.
- MAGALDI, Sábato. "Introdução". In: RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo – Nelson Rodrigues*. Organização: Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1993.
- MAGALDI, Sábato. *Teatro da Obsessão: Nelson Rodrigues*. São Paulo: Editora Global, 2004.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- PELLEGRINO, Hélio. "Nelson Rodrigues". In: RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo – Nelson Rodrigues*. Organização: Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1993.

PRADO, Décio de Almeida. "Nelson Rodrigues". In: "Nelson Rodrigues – flor de obsessão". In: RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo – Nelson Rodrigues*. Organização: Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1993.

RODRIGUES, Nelson. *A menina sem estrela*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. *A Vida como ela é*. "O Monstro" e "O Inferno". Rio de Janeiro: Agir, 2006.

ROMANO, Ruggiero (dir.) *Literatura-Texto*. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989. (Enciclopédia Einaudi, v.17).

SOUSA, Pompeu. "Introdução". In: "Nelson Rodrigues – flor de obsessão". In: RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo – Nelson Rodrigues*. Organização: Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1993.

ZEITEL, Amália. "Nelson Rodrigues – autor vital". In: "Nelson Rodrigues – flor de obsessão". In: RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo – Nelson Rodrigues*. Organização: Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1993.